

ALGUMAS NOTAS SOBRE A CATEGORIA PAISAGEM

Elias Antonio Batista Santos[1]

Palavras-chave: Aparência e essência; Domínio do visual; Paisagem geográfica.

INTRODUÇÃO

A paisagem, em conjunto com espaço, região, território e lugar são os conceitos/categorias basilares da ciência geográfica. Conceitos são "Os termos mais importantes de um discurso científico [...] são vocábulos ou expressões carregados de sentido, em torno dos quais existe muita história e muita ação social" (Minayo, 2016, p. 19). Souza, em sua obra *"Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial"*, chama atenção para se perceber o papel dos conceitos como "[...] unidades explicativas fundamentais, ao mesmo tempo constitutivos de qualquer construção teórica [...] e nutridos pelas abordagens teóricas, as quais lhes garantem coerência" (2021, p. 9).

Desse modo, constata-se que os conceitos são prenhes de historicidade; não são únicos, pois podem variar a partir da teoria em que estão sendo utilizados; não são imutáveis, podem ser metamorfoseados a partir das dinâmicas sociais; e, devem ser valorativos (concernentes ao ponto de vista teórico adotado), pragmáticos (capazes de serem operados) e comunicativos (capazes de serem entendidos).

Nesse sentido, a reflexão e o debate em torno dos mesmos se mostra de suma importância no debate geográfico. Assim, o presente texto tem por objetivo tecer algumas notas sobre paisagem, a partir dos seus diferentes pontos de vista na Geografia.

A metodologia utilizada é basilarmente levantamento bibliográfico, tanto com autores do que se convencionou chamar Geografia Física, como da Geografia Humana.

[1] Mestrando em Geografia pelo PPGEO/UESB. Licenciado em Geografia pela UESB – Campus Vit. da Conquista (2024). Contato: eliasantonio980@gmail.com.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

É relevante rememorar que outrora, a paisagem fora considerada objeto de estudo da Geografia (Troll, 1997; Conti, 2014). Comumente, para os geógrafos, a paisagem seria produto da relação de aspectos de cunho físico, biológico e antrópico (Bertrand, 2004; Maximiano, 2004; Venturi, 2006; Conti, 2014). Embora seja produto, é também herança. Herança esta, segundo Ab'Sáber (2003), de fatores fisiográficos, biológicos e patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram como território de atuação das suas comunidades: no primeiro nível, a paisagem é herança de processos de atuação antiga; no segundo nível, é que os povos, as nações, herdaram pedaços desses conjuntos de paisagens, sendo então cada um responsável por eles. Nesse sentido, a paisagem seria composta por vários elementos – os geofatores, conforme se lê em Troll (1997).

Ademais, quanto à construção dessa categoria, Santos elucida que:

> [...] são diversas as influências que contribuíram na construção do conceito, pois vêm desde Alexander von Humboldt (1769-1859) e Friedrich Ratzel (1844-1904), passando pelos estudos desenvolvidos na Rússia nos séculos XIX-XX, vindo até Carl Ortwin Sauer (1889-1975) e Carl Troll (1899-1975), entre outros. É importante destacar que as contribuições sobre a paisagem vêm de geógrafos e de não geógrafos (CORRÊA, 1997), o que concede à discussão sobre o conceito diversidade (e controvérsias), desse modo, uma constatação que pode ser feita é que existem várias definições para o mesmo (2022, p. 110).

Diversidade e controvérsias, geógrafos e não geógrafos... É a partir desse contexto que os estudos concernentes à paisagem se desenvolveram. A paisagem é então produto, herança e processo, e suas definições são eivadas de historicidade. Destarte, é também "espelho de civilização", pois, segundo Monbeig:

> [...] como a cultura de um grupo evolui, sua paisagem também evolui: o mesmo suporte natural viu sucederem-se paisagens diferentes, sendo cada uma o reflexo da civilização do grupo de dado momento de sua história. Assim a paisagem não é mais considerada como produto da geologia e do clima, mas como o reflexo da técnica agrícola ou industrial, da estrutura econômica ou social, e mesmo, se se pensa no Partenon, nas catedrais e nos estádios modernos, da psicologia do grupo humano (2004, p. 111).

É que as paisagens podem ser naturais (embora estas sejam escassas hodiernamente) e culturais. Nestas últimas, além dos geofatores naturais, insere-se os pertencentes "[...] à economia, ao cultivo, ao tráfego, à população com sua língua, sua tradição e sua nacionalidade, à estrutura social, às artes e à religião" (Troll, 1997, p. 3). Tal diferenciação advém da distinção proposta por Troll (1997), quanto ao conceito fisionômico (ou formal) e ao conceito funcional da paisagem (este o qual origina a diferenciação quanto natural e cultural). As paisagens naturais podem variar em ritmos demorados, enquanto que as culturais se modificam depressa. Isto constata-se quando se observa que o modo de produção dominante no globo atual, impõe paulatinamente mais a extração de recursos naturais, com vistas à produção de objetos ao consumo (Ribeiro, 2010) – o que causa rebatimentos vários.

Comumente, há entre os geógrafos a ideia de que a paisagem carrega em seu bojo o que é visual. Para Humboldt, inclusive, tal seria primordial, pois seu entendimento da "contemplação da Natureza" perpassaria, intimamente, pela contemplação da paisagem (Humboldt, 2004). Para Milton Santos, a paisagem seria "Tudo aquilo que nós vemos, o que

nossa visão alcança, [...]", porém, "Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc" (1988, p. 21) – captada pelos domínios da percepção.

Contudo, embora à paisagem tenha sido delegada uma posição inferior por muitos geógrafos (Corrêa, 1997), não se pode esquecer que várias são as possibilidades de estudo da mesma, seja no âmbito do que convencionou-se denominar de Geografia Humana (cf. Santos, 2022) e Geografia Física. Dentre as presentes nesta última, há a classificação das unidades de paisagem (UPs). Verdum escreve que: "A proposta de caracterizar as transformações sócioambientais pela análise espacial e paisagem pressupõe definir as diferenciações entre as unidades de paisagem (UPs), essencialmente referenciadas em quatro critérios: a forma, a função, a estrutura e a dinâmica" (2005, p. 92).

Todavia, não se pode esquecer que a paisagem é essencialmente uma aparência (Souza, 2021). Autores como Fulino e Souza (2016) e Perpetua (2024), traçam uma aproximação da paisagem à teoria marxista. Assim, a paisagem seria entendida como um ponto de partida, para que daí se propusesse adentrar em sua essência: é "[...] saudável 'desconfiar' da paisagem. É conveniente sempre buscar interpretá-la ou decodificá-la à luz das relações entre forma e conteúdo, aparência e essência" (Souza, 2021, p. 48-49).

A paisagem "[...] não é o concreto 'em si', mas uma concretude do concreto [...]" (Fulino; Souza, 2016, p. 140). Ademais,

> Toda paisagem apresenta-se como o resultado transitório da imbricação de um amplo e integrado feixe de processos, alguns dos quais mais inerentes ao meio físico-natural e outros à presença e intervenção humana nesse meio, cujas temporalidades não são coincidentes entre si (Perpetua, 2024, p. 133).

Partindo da aparência, se buscaria a sua essência – o real concreto em suas múltiplas determinações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A paisagem geográfica traz em seu bojo histórico uma diversidade de definições e aplicações, as quais tanto geraram consenso como controvérsias. Seja no âmbito da Geografia Física ou da Geografia Humana, desvelar os seus variados âmbitos e aplicabilidades é de suma para prosseguir no debate.

Importa dizer que os diferentes enfoques não se anulam, antes se completam. Perpetua (2024), por exemplo, ao traçar uma definição marxista da paisagem, bebe também do referencial da Geografia Física.

Assim, a partir do presente trabalho, espera-se contribuir com o avanço do estudo da paisagem, sobrelevando que, apesar de ser essencialmente aparência, há muitas possibilidades de estudos a partir dela.

REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, Aziz Nacib. Potencialidades Paisagísticas Brasileiras. *In*: **Os domínios de natureza do Brasil:** potencialidades paisagísticas brasileiras. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 9-25.

BERTRAND, Georges. Paisagem e Geografia física global. Esboço Metodológico. Tradução: Olga Cruz. **Revista RA'EGA**, n. 8, p. 141-152, 2004 [1968]. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/3389/2718>. Acesso em: 04 de set. de 2021.

CONTI, José Bueno. Geografia e paisagem. **Ciência e Natura**, v. 36, p. 239-245, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/cienciaenatura/article/view/13218/pdf>. Acesso em: 13 de abr. de 2021.

CORRÊA, Roberto Lobato. A paisagem geográfica – uma bibliografia. **Revista Espaço e Cultura**, n. 4, p. 50-54, jun. 1997. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/download/6774/4827>. Acesso em: 29 de mar. de 2021.

FULINO, Raquel; SOUZA, José Gilberto. Reflexões ontológicas da paisagem. **Revista da ANPEGE**, v. 12, n. 19, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/anpege/article/view/6376>. Acesso em: 19 de abr. de 2025.

HUMBOLDT, Alexander von. Considerações sobre os Diferentes Graus de Prazer que Oferecem o Aspecto da Natureza e o Estudo de suas Leis. Tradução: Sérgio Nunes Pereira. **GEOgraphia**, v. 6, n. 12, p. 135-139, 2004 [1845-1862]. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13484/8684>. Acesso em: 04 de set. de 2021.

LIMBERGER, Leila. Abordagem sistêmica e complexidade na geografia. **Geografia**, v. 15, n. 2, p. 95-109, jul./dez. 2006. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/6590>. Acesso em: 20 de abr. de 2025.

MAXIMIANO, Liz Abad. Considerações sobre o conceito de paisagem. **Revista RA'EGA**, n. 8, p. 83-91, 2004. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/3391/2719>. Aceso em: 29 de mar. de 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 5ª. reimp. Petrópolis (RJ): Vozes, 2016. (Série Manuais Acadêmicos).

MONBEIG, Pierre. A paisagem, espelho de uma civilização. **GEOgraphia**, v. 6, n. 11, p. 109-117, 2004 [1940]. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13473/8673>. Acesso em: 13 de abr. de 2021.

PERPETUA, Guilherme Marini. A paisagem como enigma a ser decifrado: notas para uma conceituação dialético-materialista. *In*: OLIVEIRA, Adão Francisco de *et al*. **Geografias da esperança:** Revisitar o Brasil, dialogar com o mundo. Anápolis (GO): Editora UEG, 2024. Disponível em: <https://www.ueg.br/editora/referencia/13220>. Acesso em: 20 de abr. de 2025. p. 121-36

RIBEIRO, Wagner Costa. Teorias socioambientais: em busca de uma nova sociedade. **Estudos Avançados**, v. 24, n. 68, p. 9-13, 2010. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ea/a/8FWwT8WpdkBJLbYg75y7N5s/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 de abr. de 2025.

SANTOS, Elias Antonio Batista. O estudo da paisagem em Geografia: algumas potencialidades. **Espaço em Revista**, v. 24, n.1, p. 109-121, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/espaco/article/view/68837>. Acesso em: 16 de abr. de 2023.

SANTOS, Milton. Paisagem e espaço. *In*: **Metamorfoses do Espaço Habitado:** Fundamentos Teórico e Metodológico da Geografia. São Paulo: Hucitec, 1988. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5350058/mod_resource/content/1/texto3B_msantos_1988.pdf>. Acesso em: 8 de jul. de 2021. p. 21-26.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021 [2013].

TROLL, Carl. A paisagem geográfica e sua investigação. Tradução: Gabrielle Corrêa Braga. **Revista Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 1-7, jul./dez. 1997 [1950]. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6770/4823>. Acesso em: 04 de set. de 2021.

VENTURI, Luis Antonio Bittar. Recurso natural: a construção de um conceito. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 20, p. 9-17, 2006. Disponível em: <https://revistas.usp.br/geousp/article/view/74004>. Acesso em: 20 de abr. de 2025.

VERDUM, Roberto. Os geógrafos frente às dinâmicas sócio ambientais no Brasil. **Revista do Departamento de Geografia**, v. 16, p. 91-94, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/47289>. Acesso em: 20 de abr. de 2025.